

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UMA TENTATIVA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Daniela Rodrigues Almeida\*

**RESUMO:** *O objetivo deste texto é introduzir uma discussão acerca de uma concepção de educação, resultante de um questionamento sobre a busca de uma consciência capaz de transformar as condições históricas as quais estamos inseridos, bem como a importância da educação patrimonial como uma das fontes principais de desenvolvimento desta consciência posicional que pode carregar na sua essência um caráter libertador e transformador desta realidade.*

**Palavras-chave:** Educação; Existência; Patrimônio Cultural.

Este artigo ensaia uma discussão acerca de questões relacionadas ao conhecimento e valorização do Patrimônio Cultural e sua relação com a educação visando estabelecer uma relação entre os sujeitos e sua consciência, posicionando-os sobre as questões de suas raízes. Somente através da articulação entre professor e aluno é que se construirão cidadãos capazes de promover uma reflexão e participação na sociedade, tornando-se importante o trabalho de Educação Patrimonial que expõe aos jovens o reconhecimento e valorização das diversidades culturais, esclarecendo o papel de cada sujeito nesta tarefa. Para tanto, o convívio escolar é decisivo na aprendizagem de valores sociais e culturais, e o ambiente escolar é um dos espaços de atuação para os alunos perceberem-se como sujeitos integrantes da História.

O trabalho com Educação Patrimonial, neste sentido, visa contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade sócio-cultural e ambiental de maneira comprometida com a sociedade, com a história e a memória. Para isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos direcionados à cultura, a escola se proponha trabalhar com atitudes, com formação de valores. E esse é um grande desafio para a educação brasileira na atualidade.

Nesse contexto, ao analisar os fatos e as relações entre os pilares da educação brasileira e a importância de desenvolver um trabalho voltado para o nosso patrimônio cultural, construindo uma reflexão com a presença do passado no presente, no que se refere aos diversos elementos que compõem a identidade ou as identidades, é imprescindível a valorização da alteridade como elemento constitutivo do *Eu*, com a qual experimentamos o que somos e quem podemos ser. Assim, a educação deve carregar na sua essência o caráter libertador, construtor e transformador de um cidadão. É o ato de conhecimento e busca de uma consciência que através de um conjunto de outros elementos sociais, culturais, políticos e econômicos vão favorecer o crescimento e a liberdade humana. Para isso acontecer, é necessário compreender a relação de cada sujeito com a busca de sua própria consciência. A existência do sujeito remete-se a busca da definição do próprio *Ser* em uma tentativa de compreensão das expressões do mundo e da identificação de si no mundo. (...) “expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo” (SARTRE, 1943, p.18). Dessa forma, o sujeito insere-se no processo de valorização de suas raízes.

Porém, na práxis, a educação passa por um processo inverso. Como diz Michel Appel:

---

\* Acadêmica do Curso de História com habilitação em Patrimônio Cultural (bacharelado e licenciatura) – Universidade Católica do Salvador - UCSal (Autora), [danpatrimonio@bol.com.br](mailto:danpatrimonio@bol.com.br). Orientadora: Tatiana Polliana Pinto de Lima, Professora, Mestre, do Curso de História com Habilitação em Patrimônio Cultural/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Católica do Salvador (UCSal), [tatianapp@ucsal.br](mailto:tatianapp@ucsal.br).

se as pressões e demandas dos grupos dominantes estão apresentadas e representadas nas instituições educacionais elas, porém são mediatizadas pela história de cada instituição e pela necessidade e ideologia das pessoas que nela trabalham, e portanto, freqüentemente objetivos e resultados são contraditórios. (apud MOREIRA, 1994, p. 46)

Neste contexto, as relações humanas vêm acarretar em mudanças de comportamentos, refletidos e adquiridos a partir das experiências vividas. É a dinâmica da vida, suas especificidades na história, na cultura e na sua temporalidade.

Ora, quando o homem não era letrado, o tempo mais livre era alvo de constantes aprimoramentos intelectuais as quais resultavam em produções. Entretanto, a necessidade destas era conseqüência do ócio e das desigualdades sociais. Enquanto uns poucos pensavam, muitos outros trabalhavam. Dessa forma, a educação constituía-se em instrumento de dominação repressão, como comenta Paulo Freire:

Esta elite que governa conforme as ordens da sociedade diretriz. Esta elite impõe-se às massas populares. Esta imposição faz com que ela esteja sobre o povo e não com o povo. As elites prescrevem as determinações às massas. Estas massas estão sob o processo histórico. Sua participação na história é indireta. Não deixam marcas como sujeitos, Mas como objetos. (FREIRE, 1979, P.)

Numa sociedade, cuja dominação da elite, através da educação, enraizou as instituições normatizadoras e disciplinadoras sobre seu domínio, resultou na construção de um projeto, onde as pessoas não têm consciência de seu próprio existir. Não percebem a sua função histórica, como sujeitos, como parte integrante de seu próprio meio. Esta sociedade torna-se alienada e não vai expressar autenticidade, para discernir as multiplicidades existentes nela. Não vai usufruir da mágica integração entre o meio e os sujeitos. Estes sujeitos não se encontram encaixados no seu meio, não estão formando sua identidade e têm vergonha de sua realidade. O testemunho de um professor do ensino fundamental e médio da rede pública do Estado vincula as limitações existentes na educação brasileira ao próprio desenrolar de sua história.

O sistema para que viessem atender aos anseios, o que em Direito, nós chamamos de bem comum, ou então, eles iriam ter vergonha, alguns até já tem coragem de dizer, que tem vergonha, por exemplo, de ser brasileiro, mas ele não tem nem consciência de o porque ele está dizendo isso porque quando ele vê e ele se sente envergonhado de ser brasileiro, ele subjetivamente, ele tem vergonha de ser cidadão - cidadão brasileiro. E tem vergonha de ser cidadão é pelo fato de já estar sentindo o reflexo da irresponsabilidade que as lideranças sociais tem pra com ele enquanto cidadão.<sup>1</sup>

No Brasil, por exemplo, o processo de apropriação da educação já se concretizava na história com as Tendências Pedagógicas: Tradicionais, Nova e Tecnicista, dentre outras, que limitaram, possibilitaram a alienação e impossibilitaram que a massa interpretasse criticamente a vida social. O objetivo era limitar, estagnar e reprimir. A reprodução passou a ser ponto chave desses indivíduos, incapazes teoricamente de produzir.

Por esses motivos, a educação brasileira vem sofrendo gravíssimas conseqüências. Deixa de ser libertadora e passa a ser repressora, e seus sujeitos não se sentirão cidadãos, sentir-se-ão inferiorizados em relação a outras culturas e se apropriarão de culturas alheias, desvalorizando

<sup>1</sup> Pedro Moraes Trindade. Depoimento concedido em 2003

suas raízes, memórias e identidade. O que vai predominar nestes indivíduos “mal educados” é o esquecimento proposital, é a negação de seu passado, de ser parte do todo, contribuindo para uma não-identificação da mudança da sua realidade.

É preciso ressaltar, dentro do processo educacional, que é importante o diálogo com outras culturas estrangeiras, o estudo crítico das mesmas, as nossas realidades históricas. O ponto chave é construir uma identificação com elas. A reprodução é algo pobre de criatividade e de autenticidade. A sociedade que buscar essa consciência certamente se virá inteirada da sua História, se sentirá parte integrante nesse processo e não mais se envergonhará de suas raízes. Somente através da educação os sujeitos começarão a exigir mais *Educação*. A respeito disso, Freire nos diz que:

Um povo educado, é um povo atento às transformações econômicas, políticas, sociais e cultural de seu tempo exigirá maior comprometimento das elites dominantes. No processo de forma intelectual e cultural. “O homem consciente”, e na medida que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade. (FREIRE, 1979, p.)

Esse processo de busca da consciência do sujeito leva-o a perceber a realidade e a compreender o seu fenômeno. À medida que se compreende o fenômeno da realidade, questiona-se também a sua própria expressão de mundaneidade, inserindo-o em um processo de auto-afirmação e determinação, para modificar sua realidade histórica, preservando a sua essência e caracterizando o maior patrimônio de todos, a existência do sujeito e toda a sua relação de produção, como algo inerente a sua essência. Sob este aspecto, o próprio ser é considerado Patrimônio. Assim, Ricardo Oriá trabalha algumas conceituações sobre o Patrimônio, referindo-se a Godoy:

Toda produção humana de ordem emocional, intelectual e material, depende de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propicia o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. (GODOY, 1994 p. 72)

Uma outra conotação que o autor trabalha faz com que ele se refira a um outro conceito de Patrimônio histórico e artístico:

O próprio conceito de patrimônio histórico e artístico restringia-se aos bens imóveis, dissociados de seu ambiente original. Além do que os critérios de seleção destes bens obedeciam aos padrões estabelecidos pelas chamadas “autoridades de tutela” dos órgãos oficiais que muitas vezes não levavam em consideração outros critérios de preservação desses mesmos bens. (ORÍ, 1998, p.132)

Sob tais aspectos é possível compreender que as conceituações acerca do Patrimônio são postas de acordo com as “expressões de mundaneidade” da realidade que cerca cada autor a que se refere a este conceito. Por se tratar de um tema que desperta uma extrema necessidade na atualidade para as sociedades, seus conceitos se tornam secundários com relação a sua importância.

Na atual conjuntura, onde os esquecimentos propositais da memória e da história se firmam a partir de imposições estabelecidas pelo sistema, provocando assim uma instabilidade necessária para a configuração de uma dominação, torna-se de fundamental importância questionarmos nosso papel dentro da sociedade, como estabelecermos relações sociais que

possibilitem firmarmos a nossa existência como sujeitos. Somente entendendo as nossas raízes, o nosso Patrimônio, é que se torna possível compreender essa relação.

O Brasil, país de grande diversidade cultural, carrega, em pleno século XXI, as marcas da imposição cultural dos seus colonizadores, marcas que facilmente encontramos no cotidiano da população, ou nas respostas do senso do IBGE, onde podemos observar que muitas pessoas preferem não aceitar suas origens, destacando-se em modismos impostos e inserindo-se em culturas de posição dominante. Nos quatro cantos do país, encontramos pluralidade de representações culturais.

Nota-se em Oriá o seguinte sobre este aspecto:

O Patrimônio Cultural de uma sociedade é formado por um tripé indissociável em que se contemplam as seguintes dimensões: a dimensão natural ecológica, a dimensão histórico-artística e a dimensão documental. Nesse sentido, o próprio meio ambiente, os conjuntos urbanos, paisagísticos, artísticos, arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e científicos, as obras, os objetos, os documentos, as criações científica, artísticas e tecnológicas, as forma de expressão e até mesmo os modos de criar, fazer e viver são bens culturais de uma sociedade, e, por isso, devem ser preservados. (1998, p.133)

Estes conjuntos de bens culturais também equivalem ao nosso Patrimônio Cultural. Este, portanto, apresenta-se na sua função social, ao mesmo tempo coletivo e individual. Uma função que tende a proporcionar coesão a grupos heterogêneos integrantes de uma mesma sociedade, objetivando uma volta a uma herança coletiva. Segundo Le Goff:

o interesse da memória coletiva e da história já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política e diplomática, militar. Interessa-se por todos os homens, função particularmente importante numa época de “volatização” de identidade, continuando esta exploração das diversas formas de enunciação, e passando as mais estabilizadas; as quais sua força normativa e definidora de um processo social abrupto tanto no sentido das expressões do mundo na dimensão da experiência, como na dimensão teórica, nos parece merecer mais atenção. (LE GOFF, 1996, 535)

Observa-se, por outro lado, a descentralização do eixo Histórico-Cultural que coloca o centro de discussões, questões econômicas e políticas, transformando o Patrimônio em objeto que se materializa no foco de atenção dos sujeitos consumidores, Clanclini contempla o seguinte pensamento:

O Patrimônio serve, assim, como recurso para produzir as diferenças entre os grupos sociais e a hegemonia que gozam de um acesso preferencial a produção e distribuição dos bens. Os setores não só definem quais bens são superiores e merecem ser conservados, mas também dispõe dos meios econômicos e intelectuais, tempo de trabalho e de ócio, para imprimir a esses bens maior qualidade e refinamento. (CANCLINE, 1994, p.97)

Um outro aspecto do “mau uso” do Patrimônio Cultural são as diversas ameaças de extinção, por preservações inadequadas, processo de urbanização e exploração turística não sustentáveis, assim como outras atitudes equivocadas que dificultam a construção de uma identidade. Já o Patrimônio vivo suporta esquecimento crescente, o que favorece a deteiorização e vulgarização da imagem dos sujeitos. Com isso, eles perdem o vínculo entre a memória com suas

ações atuais, ficando assim à deriva das imposições ideológicas do sistema.

A relação existente entre educação e cultura se concretiza a partir da investigação acerca da herança cultural de um grupo social. Essa dinâmica só será compreendida se buscarmos referência na História, como o sistema educacional brasileiro foi constituído e como contribuiu para o processo de formação cultural de uma nação. Para Oriá, esta explanação está inserida de tal forma dentro deste processo:

A valorização e o conhecimento de um bem cultural, que testemunha a História ou a vida do país, pode ajudar-nos a compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca ou até não apreciemos sua forma arquitetônica, ou seu valor histórico. O importante é que ele faz parte de um acervo cultural que deve ser preservado por toda a comunidade, pois é revelador e referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural. (ORÍÁ, 1998, p. 134)

Esses elementos vão condicionar os avanços ou estagnações do desenvolvimento cultural de uma sociedade. Tanto a memória quanto a identidade individual ou coletiva constituem elementos básicos para a formação do imaginário nacional. Elas vão fortalecer e preservar todo o conjunto de ações, produções e idealizações de um povo. Entretanto só através de uma educação de boa qualidade é que encontraremos força para garantir a informação, a possibilidade de produção e preservação dos bens culturais, das transformações sociais e da formação da identidade como menciona o professor da rede estadual de ensino:

Eu acredito na educação como elemento capaz de fazer com que o cidadão ou aquele que ainda não é cidadão, se torne cidadão, com a capacidade de questionar, com a capacidade de cobrar direitos, com a capacidade de entender as dicotomias existente dentro da sociedade em que ele vive. É na relação, por exemplo, a escola e patrimônio público, esse entendimento só vai acontecer a partir do momento em que a educação proporcionar essa consciência.<sup>2</sup>

O Patrimônio e a educação caminham juntos numa mesma trajetória, ou seja, a constituição daquela tradição cultural, quer como processo, quer como produto, tem uma exigência de continuidade através da educação. Está diretamente ligada à própria sobrevivência humana e à preservação de sua existência e suas ações. A temática do patrimônio cultural em suas variadas concepções se apresenta na articulação entre cultura e educação.

O conhecimento dos bens culturais proporciona prazer aos sentidos e ao intelecto, sendo preciso saber educar para ver o gosto à sensibilidade. Oferecer ao educando os elementos que ampliem sua visão, seu conhecimento e que reforcem a sua perspectiva de existência social.

Como educadores, lutamos para recuperar o ensino e torná-lo concreto, interessante, que vá ao encontro dos interesses do aluno, que considere sua cultura, sua capacidade transformadora e sua realidade para produção de conhecimentos.

Portanto, a Educação Patrimonial constitui práticas de ensino e aprendizagem que priorizam as relações socioculturais e utilizam como recursos básicos de instrução o modo de produção da cultura ou, em outras palavras, seus pontos de representação social, favorecendo o senso de conexão e continuidade com a nossa herança histórica e cultural, trazendo elementos para a compreensão do processo de construção dos valores que norteiam nosso presente. Sendo

---

<sup>2</sup> TRINDADE, Moraes Pedro. entrevista, 2003

assim, a Educação Patrimonial promove o reconhecimento da diversidade cultural, ampliando o reconhecimento do outro e de si, aproximando as pessoas de um entendimento, desenvolvendo o senso de respeito de responsabilidade pelo bem comum, promovendo uma perspectiva de mudança social.

## REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. “*Repensando Ideologia e Currículo*”, in MOREIRA, Antonio Flavio e SILVA, Tomaz Tadeu (org): *Currículo, Cultura e Sociedade*, SP. Editora Cortez, 1994.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª edição, editora Forense Universitária.

CANCLINI, Néstor Garcia. *O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 23ª edição – 1994.

FALCON. Francisco. *História Cultural: Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura* – Rio de Janeiro: campus, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória* 4ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 1996.p.535.549.

MARC, Bloch. *Introdução à História*. Edição revista, aumentada e criticada por Étienne Bloch

ORÍÁ, Ricardo. *Memória e Ensino de História*. BITTENCOURT, Ciece (Org. 2ª ed, SP: contexto, 1998).

RAMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Editora Vozes. 25ª edição – 2001.

SARTRE, J.P. *O Ser e o Nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

TRINDADE, Pedro Moraes, *Professor da rede Estadual de ensino da Bahia. Entrevista concedida a Daniela Rodrigues Almeida Barroso em 2003*.

ZUNIR, Antônio Álvares, PUCCI, Bruno e Oliveira, Newton Ramos. *A Educação Danificada*. Editora Vozes 1ª edição – 1998.